

Ensino-aprendizagem de língua portuguesa no Ensino Médio: concepções de discentes e docentes acerca da linguagem, língua e fala

Evana Kelly dos Santos RODRIGUES¹
Paulo Santiago de SOUSA²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo investigar as concepções de discentes e docentes acerca do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa no Ensino Médio, especificamente em relação aos conceitos da tríade da comunicação (língua, linguagem e fala). A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com coleta de dados por meio da aplicação de um questionário a alunos e professores de uma escola pública do município de Capanema - PA. Quanto à fundamentação teórica, nos apoiamos nos estudos de Saussure (1916), Bagno (1999), Travaglia (2000), Soares (2002), Antunes (2003, 2008), Geraldi (2005, 2008), entre outros, pois suas pesquisas abordam teorias linguísticas que discorrem desde a análise estruturalista e textual às interações linguísticas em contextos socioeducacionais. Os resultados da pesquisa revelam que as percepções sobre língua, linguagem e fala apresentam variação quando se verifica a perspectiva mais estruturalista e normativa nas respostas dos alunos, e uma abordagem mais sociolinguística e comunicativa na concepção dos professores. Concluímos, portanto, que as divergências e convergências observadas nas perspectivas dos participantes da pesquisa podem ter influências sociais, culturais e educacionais.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Língua Portuguesa; Tríade da comunicação.

Introdução

O processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Médio é um tema de grande relevância, que desperta debates acerca das concepções de discentes e docentes em relação à linguagem, língua e fala. A linguagem é um fenômeno complexo que engloba diversas dimensões e aspectos. E é um sistema comunicativo que permite a expressão de pensamentos, sentimentos e interações entre os indivíduos. No entanto, as concepções sobre a linguagem podem variar entre diferentes atores educacionais, incluindo alunos e professores, influenciando diretamente o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa.

Nesse contexto, é fundamental compreender as diferentes perspectivas e enfoques adotados por alunos e professores, a fim de promover uma prática mais efetiva e alinhada às necessidades dos estudantes.

A distinção entre língua e fala, conforme Saussure (1916), é um dos aspectos centrais a serem considerados nesse contexto. A língua refere-se ao sistema de regras, às estruturas e

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Campus de Capanema. E-mail: evanakelly97@gmail.com.

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista. E-mail: profpaulosantiago@gmail.com.

às convenções compartilhadas por uma comunidade linguística, enquanto a fala diz respeito à aplicação individual e concreta deste sistema por meio de atos comunicativos. Magda Soares (2002, p. 173) salienta:

A influência que vem sendo exercida sobre a disciplina português concomitantemente pela pragmática, pela teoria da enunciação, pela análise do discurso; influência fundamental, porque, traz uma nova concepção de língua: uma concepção que vê a língua como enunciação.

Nesse sentido, segundo a autora, é necessário que o trabalho em sala de aula se organize em virtude do uso da língua, relacionando leitura, produção oral e escrita. Portanto, possibilita ao aluno ampliar suas capacidades linguísticas e, ao professor, ajuda a utilizar estes conhecimentos de forma discursiva.

No contexto educacional, é comum observar diferentes perspectivas sobre o ensino e aprendizagem de língua portuguesa, especialmente no que diz respeito à compreensão dos conceitos de linguagem, língua e fala. Enquanto alguns estudantes podem perceber estes conteúdos como exclusivamente relacionados à gramática normativa, outros podem buscar uma abordagem mais ampla, contemplando a diversidade linguística e o uso da língua em diferentes contextos sociais. Por outro lado, os docentes desempenham um papel fundamental na definição dos objetivos do ensino de língua portuguesa no Ensino Médio, tendo em vista suas práticas pedagógicas. Suas concepções podem ser influenciadas por diversos fatores, como a formação acadêmica, experiências profissionais e percepções pessoais sobre a importância da gramática normativa na comunicação escrita e oral.

Assim, surgem as seguintes problematizações: quais são as concepções dos discentes e docentes sobre o ensino e aprendizagem de língua portuguesa no Ensino Médio no que diz respeito às visões sobre linguagem, língua e fala? E quais são as principais diferenças e/ou convergências entre estas concepções?

A investigação destas questões é de suma importância para o aprimoramento das práticas educacionais, uma vez que permite compreender as percepções dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Além disso, o estudo realizado proporciona subsídios para a reflexão sobre os objetivos do ensino de língua portuguesa, visando à formação de estudantes críticos, competentes e conscientes do uso adequado da linguagem em diferentes contextos sociais. Assim, para responder a estes questionamentos, realizamos uma pesquisa qualitativa com a aplicação de um questionário para professores e alunos de uma escola da rede pública do município de Capanema-PA, buscando explorar as

percepções, crenças e atitudes destes atores em relação à tríade comunicativa (linguagem, língua e fala) no processo educacional do Ensino Médio.

Dessa forma, este trabalho se justifica pela relevância de entender as percepções e as visões que alunos e professores têm sobre essa tríade, considerando que tais concepções perpassam os vários aspectos do ensino de Língua Portuguesa, como objetivos, métodos e conteúdos, com consequências para a aprendizagem dos estudantes. A diversidade de concepções existentes entre docentes e discentes pode influenciar diretamente a prática pedagógica, uma vez que as percepções e as expectativas dos alunos em relação ao ensino de língua portuguesa podem impactar seu engajamento, motivação e aprendizagem.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo principal investigar as concepções dos discentes e docentes sobre o ensino e aprendizagem de língua portuguesa no Ensino Médio, identificando as possíveis divergências e convergências presentes na perspectiva destes sujeitos sociais. Com a finalidade de chegarmos aos resultados que se pretendem alcançar a partir deste estudo, desenvolvemos como objetivos específicos: 1) analisar as concepções dos discentes do Ensino Médio sobre linguagem, língua e fala; 2) discutir as concepções dos docentes quanto à tríade da comunicação, e 3) refletir sobre as possíveis divergências entre as concepções dos discentes e docentes.

A compreensão das concepções dos alunos em relação à linguagem, língua e fala pode fornecer perspicácia sobre suas necessidades, dificuldades e expectativas em relação ao ensino de língua portuguesa. Por outro lado, investigar as concepções dos professores pode revelar suas abordagens pedagógicas, estratégias de ensino e possíveis desafios enfrentados no contexto educacional. Ao analisar estas concepções, buscamos promover reflexões sobre as práticas de ensino-aprendizagem da língua portuguesa no Ensino Médio, visando contribuir para o aprimoramento e a adaptação de estratégias pedagógicas de acordo com as necessidades e realidades dos alunos. Além disso, a pesquisa pode fornecer subsídios para a formação de professores, capacitando-os a fim de abordar, de maneira mais eficiente, os aspectos linguísticos e comunicativos da língua portuguesa.

Com o intuito de contribuir para o debate sobre o ensino-aprendizagem de língua portuguesa no Ensino Médio, ao destacar a importância de compreender as concepções de alunos e professores em relação à linguagem, língua e fala, a partir das análises realizadas, utilizam-se como referencial teórico os estudos de Antunes (2003,2008), Saussure (1916), Soares (2002), Geraldi (2005, 2008), Travaglia (2000) e Bagno (1999). Estes pesquisadores

discorrem a respeito do processo de ensino aprendizagem de língua materna e abordam diferentes aspectos relacionados ao tema em questão.

Salientamos que este artigo está dividido em quatro seções. Na primeira, é apresentada a fundamentação teórica com o intento de discutir as concepções de linguagem, língua e fala, fazendo correções com o processo de ensino-aprendizagem; na segunda, descrevemos o percurso metodológico, apresentando o contexto da pesquisa e o instrumento (questionário semiaberto) utilizado para a coleta dos dados a serem analisados; na terceira, a discussão dos resultados, evidenciando e as concepções das professoras e dos alunos sobre a tríade da comunicação; e na quarta, as considerações finais referentes à pesquisa realizada.

Fundamentação teórica

O ensino de língua portuguesa, em uma perspectiva interacionista, pressupõe a adequação dos modelos de ensino e dos conteúdos a partir de uma concepção da tríade: língua, linguagem e fala, pautando-se para além de uma gramática prescritiva ou normativa.

Esta abordagem é fortemente influenciada pelas ideias de Lev Vygotsky (1998), que enfatizou a importância da cultura, da interação e do contexto no desenvolvimento humano. Segundo ele, é por meio das interações com outras pessoas e do envolvimento em práticas culturais que os seres humanos adquirem conhecimento, assimilam conceitos, desenvolvem habilidades linguísticas e resolvem problemas. A aprendizagem, dessa maneira, é vista como um processo ativo, colaborativo e mediado pela cultura, em que o indivíduo constrói conhecimento em conjunto com outros membros da sociedade.

Com isso, a aprendizagem da língua não se dá apenas por meio de regras gramaticais e exercícios mecânicos, mas, sim, pela participação ativa do aluno em situações reais de comunicação. O professor busca adaptar as estratégias de ensino para atender às necessidades de todos os estudantes, pois a prática interacionista considera as particularidades e diferenças individuais dos alunos, reconhecendo que cada um possui seu próprio ritmo de aprendizagem e conhecimentos prévios (Vygotsky, 1998).

Antunes (2008) discorre a respeito do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa e afirma que língua e gramática devem andar juntas. Segundo a autora:

Língua e gramática podem ser uma solução se não deixarmos que a gramática ofusque o fascínio que a língua pode exercer sobre as pessoas; se não deixarmos que a gramática impeça de sentirmos gosto pelo estudo da língua; se desfizermos o

grande equívoco de admitir que não é para ensinar gramática, ou pior ainda, que não é para ensinar a norma-padrão (Antunes, 2008, p.161).

Antunes (2008) reconhece a ligação entre língua e gramática, todavia, aponta para a necessidade de se trabalhar pedagogicamente para além do que tem sido realizado na contemporaneidade. E reitera sobre a importância de adotar diferentes práticas de ensino com o intuito de desfazer reproduções discriminatórias perpetuadas socialmente.

Ao trabalhar a gramática considerando a diversidade linguística presente no contexto dos alunos, é possível valorizar suas raízes culturais e identidades, promovendo o respeito pela pluralidade e a riqueza da língua portuguesa. Em muitos exames e processos seletivos, por exemplo, a gramática é uma habilidade avaliada. Portanto, abordar este conteúdo de forma contextualizada e significativa ajuda os alunos a estarem mais bem preparados para tais avaliações. No entanto, é fundamental que o ensino da gramática seja conduzido de maneira dinâmica, interativa e contextualizada. Travaglia (2000) discorre a respeito do ensino de gramática enfatizando que:

É preciso pensar por que se dá aula de uma língua para falantes nativos dessa língua (porque se dá aula de Português a brasileiros falantes nativos dessa língua). Certamente não é para ensinar a falar a língua, a se comunicar por meio dela, por que os falantes nativos já o aprenderam de forma “natural” desde seus primeiros anos de vida. O que queremos e acreditamos na verdade é que nossos alunos desenvolvam sua competência comunicativa, tornando-se assim um usuário competente da linguagem. Para que a gramática tenha realmente relação com a qualidade de vida, é preciso saber conceber o que é gramática (Travaglia, 2000, p. 17).

Segundo o autor, é importante reconhecer que o ensino da gramática não deve ser tratado isoladamente, apenas transmitindo conteúdos, mas, sim, integrado a outras práticas de ensino, como a leitura, a escrita, a interpretação e a produção textual, de modo a tornar o aprendizado mais significativo e conectar o conhecimento gramatical à prática comunicativa dos alunos. Esta abordagem colabora para que os estudantes percebam a utilidade da gramática na sua vida cotidiana e desenvolvam habilidades linguísticas mais sólidas e transferíveis para além da sala de aula.

Concepções de linguagem, língua e fala

Em seu famoso livro *Curso de Linguística Geral* (publicado postumamente em 1916), Ferdinand de Saussure apresenta suas concepções sobre linguagem, língua e fala fundamentais para a linguística moderna. Estas distinções conceituais são uma parte central de

sua teoria linguística e continuam influenciando a forma como estudamos a linguagem até a contemporaneidade. Para Saussure, a linguagem é o fenômeno mais amplo e abrangente que engloba todas as formas de comunicação simbólicas utilizadas pelos indivíduos. É a faculdade inata e universal que permite que os seres humanos se comuniquem através de sistemas de signos. A linguagem inclui não apenas a língua (*langue*) e a fala (*parole*), mas outras formas de expressão simbólica, como a linguagem gestual, a linguagem corporal, a música, a arte entre outros.

Seguindo esta linha de raciocínio, o mestre genebrino considera a linguagem como um fenômeno mais amplo e geral, que engloba todas as formas de comunicação humana por meio de sistemas de signos e que é, ao mesmo tempo, individual e social, sem restringir-se a um sistema.

Para Saussure (2004), a língua é um fenômeno social e coletivo que existe e se desenvolve dentro de uma comunidade linguística. Ele argumenta que a língua é transmitida de geração em geração por meio da interação social, e cada indivíduo a adquire ao ser socializado dentro de uma determinada comunidade linguística, uma vez que “A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma classificação” (Saussure, 2004, p. 17).

Desse modo, entendemos que, para compreender a natureza da linguagem, é necessário investigar a estrutura e o funcionamento da língua, pois ela representa a faceta sistêmica e coletiva da comunicação humana. Além disso, a língua é organizada por elementos relacionados entre si, e seu funcionamento é regido por regras e convenções compartilhadas pela comunidade linguística. E, quando adquirida, reproduzida em nosso aparelho vocal, temos um fator individual, nesse caso, a fala.

Apesar de Saussure ter enfatizado a importância da língua como objeto central de estudo da linguística, ele também reconhecia a relevância da fala para a análise linguística, destacando-a como um “ato individual de vontade e inteligência” (Saussure, 2006, p. 22), ou seja, a fala é caracterizada por sua variabilidade e contingência, podendo variar de um indivíduo para outro, mesmo dentro da mesma comunidade linguística.

As conceituações retiradas do *Curso de Linguística Geral* enfatizam a valoração de se compreender a natureza da língua. Cada um destes elementos descrevem aspectos distintos, e sua análise conjunta permite uma compreensão abrangente do funcionamento da comunicação humana. Além disso, as concepções de língua, linguagem e fala, segundo Saussure, foram

fundamentais para o desenvolvimento da linguística como disciplina acadêmica. Sua abordagem estruturalista influenciou muitas outras correntes teóricas e metodológicas da língua, e suas ideias continuam sendo relevantes para o estudo da linguagem atualmente.

Geraldi (2006, p. 41), no capítulo “Concepções de linguagem e ensino de português”, da obra *O texto na sala de aula*, aborda três concepções de linguagem: “expressão do pensamento”, “instrumento de comunicação”, e “forma de interação”. O estudioso por meio dessas concepções traz implicações distintas para a compreensão desse fenômeno bem como para as práticas que se efetivam a partir dessa compreensão. Desse modo, essas três concepções estão intimamente relacionadas aos estudos da gramática tradicional, estruturalismo e transformalismo e a linguística da enunciação.

Considerar a língua como um produto social destaca sua natureza coletiva, contextual e em constante transformação. Esta perspectiva é essencial para entender a linguagem como um fenômeno enraizado nas práticas e interações sociais dos falantes e enfatiza a relevância do contexto cultural e histórico.

Antunes (2003) ressalta que todas as formas linguísticas são igualmente válidas e carregam consigo a cultura e a identidade das comunidades de falantes.

Todas as línguas variam naturalmente, de acordo com as diferentes condições da comunidade e do momento em que é falada. Variam as línguas de comunidades desenvolvidas, e variam as línguas de comunidades subdesenvolvidas. Sempre foi assim e sempre será. Admitir este princípio é o mesmo que admitir uma gramática também variável, flexível, adaptada e adequada às circunstâncias concretas em que a atuação linguística acontece (Antunes, 2003, p. 90).

Nesse contexto, a língua reflete a cultura, a história, os valores e as tradições de um grupo social específico, ela é moldada pelas interações entre os falantes ao longo do tempo e está constantemente em evolução, adaptando-se às mudanças sociais e culturais.

Em seu livro *Preconceito Linguístico* (1999, p.9), Marcos Bagno ressalta a importância de valorizar todas as variações linguísticas e não limitar a língua apenas à norma culta: “a língua é um enorme *iceberg* flutuado no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada *norma culta*”. A língua é dinâmica e está em constante mudança, e suas variações são influenciadas por diversos fatores, como migrações, contatos culturais, tecnologia, entre outros. O *iceberg* é uma metáfora utilizada por Bagno para representar toda a complexidade e diversidade da língua, além de suas inúmeras variações regionais, sociais, históricas e culturais que se desenvolveram ao longo do tempo. O linguista argumenta que a parcela mais visível (a norma

culta) é apenas uma das muitas formas de expressão linguística. Enfatiza ainda que o *iceberg* da língua é muito maior e diversificado do que a norma culta representa, visto que existem inúmeras variações linguísticas utilizadas pelas diferentes comunidades de falantes, cada uma com sua riqueza e importância cultural.

Em suma, o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa é uma integração entre a compreensão da linguagem como um fenômeno complexo e diversificado, o estudo das normas e regras da língua e a prática efetiva de sua utilização em situações de fala e escrita. A compreensão da tríade linguagem, língua e fala enriquece o processo de ensino-aprendizagem de língua materna, proporcionando aos estudantes e professores uma visão mais ampla e crítica da língua como um fenômeno dinâmico e fundamental para a comunicação e a expressão cultural dos indivíduos e das comunidades. Assim, concordamos com Antunes (2003, p. 39) ao afirmar que “Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos”.

A forma como os alunos aprendem e compreendem os conceitos linguísticos é influenciada pelas teorias e abordagens que norteiam o ensino, que podem ser diversas e variar desde abordagens mais tradicionais, como a gramática normativa, até perspectivas mais modernas e interdisciplinares, como a sociolinguística, a psicolinguística, a linguística cognitiva, entre outras. Cada abordagem teórica enfatiza diferentes aspectos da linguagem, portanto, molda a forma como os fenômenos linguísticos são explicados e trabalhados em sala de aula.

É importante que os professores de língua portuguesa estejam cientes das teorias linguísticas que fundamentam suas práticas de ensino e que as adaptem às necessidades e características dos alunos. O entendimento destes princípios teóricos ajuda os educadores a selecionar estratégias de ensino mais adequadas, a promover a reflexão crítica sobre a linguagem e a compreensão de sua natureza complexa e a abordar a diversidade linguística de forma respeitosa e inclusiva.

Metodologia

No presente trabalho, buscamos investigar as concepções dos alunos e professores do Ensino Médio sobre o processo de ensino aprendizagem de língua portuguesa relacionado à língua, linguagem e fala, identificando suas possíveis divergências e convergências. Os

objetivos aqui propostos direcionaram-se para uma abordagem qualitativa de pesquisa. Ressaltamos que a pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela busca trabalhar com as possibilidades de significados, de motivações e atitudes (Minayo, 2014).

Deste modo, a escolha pela abordagem qualitativa se justifica pelo fato de possibilitar a coleta de dados mensuráveis e frequentes, o que facilita uma análise dos fenômenos observados para compreendermos as concepções de linguagem, língua e fala no segmento de Ensino Médio na visão de alunos e professores. Nesta perspectiva, pretendemos, ainda, compreender as possíveis divergências e convergências no processo de ensino aprendizagem de língua portuguesa na concepção dos alunos e professores.

Campo e participantes da pesquisa

Para a efetivação desta pesquisa, foram selecionadas duas professoras de língua portuguesa que atuam no Ensino Fundamental e Médio no município de Capanema - PA. Quanto aos alunos, foram selecionadas duas turmas de Ensino Médio (segundo e terceiro anos).³

Ao envolver professores e alunos em pesquisas sobre o ensino de língua portuguesa, é possível identificar lacunas e desafios específicos que podem ser abordados e aprimorados. Suas percepções podem ajudar a identificar necessidades educacionais e promover abordagens eficazes e inovadoras. Escolher professores e alunos para realizar pesquisas sobre o ensino da língua portuguesa contribui para uma compreensão mais abrangente e contextualizada das práticas educacionais, ajudando a fomentar melhorias e avanços na área.

Os procedimentos e os materiais adotados para a coleta de dados se deram por meio da aplicação de um questionário semiaberto, em que os discentes e docentes foram indagados a respeito de questões que permitem percepções relacionadas ao ensino de língua portuguesa com ênfase na linguagem, língua e fala.

Questionário semiaberto

O questionário semiaberto foi utilizado como instrumento de coleta de dados para esta pesquisa e foi feito em formato impresso. Nele, contém 11 questionamentos direcionados aos docentes que enfocam o ensino de língua portuguesa, abordando a linguagem, língua e fala e

³ Optamos por omitir o nome da escola.

seus desdobramentos no contexto de sala de aula. No questionário há, também, a mesma quantidade de questões feitas aos discentes, dando ênfase às percepções destes em relação ao ensino de língua portuguesa. A aplicação deste instrumento de coleta de dados aconteceu durante o Estágio Supervisionado II: Língua Portuguesa e suas literaturas no Ensino Fundamental (6 ao 9 ano), no período letivo 2023.2⁴. Primeiramente, os participantes (professoras e discentes) foram lembrados da importância da pesquisa e da necessidade das respostas sinceras. Em seguida, o questionário foi entregue aos participantes, para que respondessem às perguntas a partir de suas experiências e percepções.

Evidenciamos que o questionário, segundo Gil (1999, p.128), é definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Deste modo, os questionários podem abranger uma ampla gama de tópicos e aspectos relevantes para a pesquisa, fornecendo uma visão geral do grupo estudado. Assim, ao usá-los com professores e alunos, é possível comparar e constatar suas perspectivas e experiências, podendo revelar lacunas de percepção entre os dois grupos e ajudar a identificar possíveis áreas de melhoria na educação linguística.

Nesse sentido, os dados coletados construíram o *corpus* desta pesquisa, possibilitando traçar um retrato das percepções dos discentes e docentes em relação ao ensino de língua portuguesa no Ensino Médio na escola pesquisada, abordando a linguagem, a língua e a fala no contexto educacional.

Discussão dos resultados

Este terceiro tópico apresenta os resultados e discussões da pesquisa realizada. Os questionários contêm 11 questões, através das quais buscamos investigar as concepções de discentes e docentes acerca da linguagem, língua e fala no processo de ensino aprendizagem de língua portuguesa.

Ao analisar as concepções de discentes e docentes sobre o ensino de língua portuguesa, é essencial considerar uma variedade de perspectivas individuais. As opiniões e atitudes em relação à disciplina podem ser influenciadas por diversos fatores, como

⁴ Estágio foi orientado pelos professores Dr. Paulo Santiago de Sousa e Dra. Rosângela Nogueira. Esse estágio possibilitou a realização desta pesquisa e deram origem a este trabalho.

experiências anteriores, métodos de ensino, motivação pessoal, interesse pela leitura e escrita, entre outros.

Concepções das professoras

Ao apresentar uma visão geral sobre as teorias aqui abordadas que embasam este estudo, nesta seção, apresenta-se a análise dos dados coletados que contribuíram para a pesquisa. Para garantir a preservação da identidade das participantes, dando-lhes liberdade para que respondessem sem constrangimentos às perguntas, demos a denominação de PA (professora A) e PB (professora B).

As quatro primeiras questões direcionaram-se ao ensino de língua, seus conceitos, a forma como a linguagem é trabalhada por estas docentes e se há esclarecimento destes conceitos dentro da sala de aula. Da quinta a oitava, buscamos investigar se há dificuldades em abordar assuntos relacionados à língua como prática social, quais as maiores dificuldades de se trabalhar a disciplina atualmente e, além disso, se o ensino de língua portuguesa hoje segue o mesmo modelo dos séculos anteriores.

Nas últimas questões, procuramos averiguar o que é necessário dispor dentro da sala de aula para aproximar o ensino de língua à realidade dos alunos, se há algum método específico para trabalhar a variação histórica da língua em relação à gramática normativa e como deve ser trabalhada para facilitar a aprendizagem de língua materna.

Por meio dos questionamentos, pretendemos compreender as concepções dessas docentes em relação ao ensino de língua portuguesa no Ensino Médio, especificamente à língua, linguagem e fala. Para isso, das 11 indagações, selecionamos três para fazer a análise dos dados. Abaixo segue um quadro com as perguntas e respostas selecionadas seguindo a ordem do questionário.

Quadro 1 – Concepções de professores

PROFESSORA A (PA)	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
1- O que é ensinar língua na sua concepção?	“É auxiliar o aluno em sua jornada escolar a usar a língua amplamente, adequando ao contexto e necessidade”.
3- De que forma você trabalha a linguagem com seus alunos?	“Mostrando suas várias “faces” e que todo ser humano se comunica desde que nasce, a linguagem é que vai modificando, adequando-se”.

4- Você costuma esclarecer as diferenças entre língua, fala e linguagem aos seus alunos?	“Com certeza. É o princípio para eles entenderem as diferenças, características delas e usá-las de forma adequada”.
PROFESSORA B (PB)	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
1- O que é ensinar língua na sua concepção?	“É deixar claro que o objetivo da língua é a comunicação”.
3- De que forma você trabalha a linguagem com seus alunos?	“Enfatizando a linguagem com a junção primordial de estabelecer a comunicação”.
4- Você costuma esclarecer as diferenças entre língua, fala e linguagem aos seus alunos?	“Sim”.

Fonte: Dados coletados pela autora.

Percebemos que a professora A, ao responder à primeira indagação, dá indícios de que é preciso trabalhar a língua adequando-a ao contexto dos alunos de uma forma ampla, compreendendo suas reais necessidades. A professora B, por sua vez, evidencia que o ensino de língua se desenvolve por meio da comunicação, entretanto, enfatiza a questão sem refletir sobre a maneira como isso ocorre. Em relação à terceira pergunta: “de que forma você trabalha a linguagem com seus alunos?”, novamente percebemos que PA discorre a respeito de que o trabalho com a linguagem deva ser voltado à sua vastidão e reconhecer o fato de que o indivíduo, desde seu nascimento, consegue se comunicar e que a língua muda de acordo com o tempo. Em relação a isso, PB menciona o trabalho com a linguagem, estabelecendo a comunicação de forma primordial.

Dito isso, partimos para o quarto questionamento, através do qual se busca investigar a tríade língua, linguagem e fala na concepção das docentes. Nas respostas da PA e PB, há ênfase sobre o esclarecimento destes conceitos dentro da sala de aula, entretanto, PA enfatiza com mais clareza a questão, explicando a necessidade de abordar estes conceitos a seus alunos, enquanto PB responde de forma direta. As respostas das docentes evidenciam a predominância de uma visão de linguagem e língua como instrumento de comunicação. Trata-se de uma concepção que, conforme Geraldini (2006, p. 41), corresponde às correntes estruturalista e transformacionalista dos estudos linguísticos. Essa concepção influenciou fortemente o ensino de língua portuguesa nos anos 1970 principalmente, mas se perdura até hoje, como os dados aqui discutidos evidenciam.

Nesse contexto, os discursos da PA e PB nos revelaram que o ensino de língua portuguesa no Ensino Médio, particularmente refletindo sobre linguagem, língua e fala, ainda requer muitos estudos, pesquisas e investigações. Ensinar língua não se trata apenas de transmitir regras gramaticais e vocabulário aos alunos, mas, sim, capacitá-los a usar de forma abrangente, adaptando-a ao contexto e às necessidades específicas de comunicação. No entanto, é importante destacar que este tipo de ensino requer um trabalho contínuo e colaborativo entre professores e alunos. Os educadores devem estar atentos às necessidades individuais dos estudantes, fornecendo orientação para ajudá-los a aprimorar suas habilidades linguísticas e comunicativas. Estas reflexões comungam com que postula Antunes (2003, p. 41) sobre o ensino de língua, pois “Somente uma concepção interacionista da linguagem, eminentemente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino de língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante”.

A abordagem interacionista considera que a linguagem é um sistema vivo e dinâmico, que ganha significado na interação entre as pessoas, e que os estudos sobre a língua não devem ser limitado. Refletindo sobre as concepções abordadas pelas docentes, notamos que seus posicionamentos em relação a esta pesquisa giram em torno de um ensino de língua materna que favoreça o contexto social dos alunos, baseando o uso da linguagem de maneira efetiva, levando em consideração a realidade desses participantes. Todavia, precisamos pensar que, atualmente, o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa ainda permanece arraigado em um ensino de gramática descontextualizada baseada em ideias estruturalistas e tradicionais. Trabalhar a linguagem, língua e fala como foi visto na concepção das professoras envolve todo o sistema e não cabe somente às docentes transformar este ensino, é necessário um trabalho em conjunto e harmônico, assim como há uma relação estreita no funcionamento da tríade comunicativa.

Concepções dos alunos

Conforme mencionado anteriormente, o questionário foi aplicado a duas turmas do Ensino Médio (segundo e terceiro ano) totalizando 22 alunos destas classes. A aplicação deste instrumento de pesquisa também ocorreu durante o Estágio Supervisionado II: Língua Portuguesa e suas literaturas no Ensino Fundamental (6 a 9 ano).

Ressaltamos que, antes de ser entregue os questionamentos, foi esclarecido aos alunos que respondessem às indagações de forma que não se sentissem constrangidos. No decorrer

da aplicação, observamos que os estudantes refletiam acerca dos questionamentos, alguns precisaram de ajuda para respondê-los e outros deixaram algumas perguntas sem respostas.

O questionário totalizou 11 indagações. Da primeira pergunta até quinta, procuramos compreender o que os alunos pensam acerca do ensino de língua portuguesa, se há dificuldades para compreender os conteúdos desta disciplina e se é possível aplicar no dia a dia o que é trabalhado dentro da sala de aula. As questões posteriores enfocam a tríade: língua, linguagem e fala. Indagamos o que os discentes compreendem por estes conceitos e suas funcionalidades e, por conseguinte, investigamos se o ensino de língua portuguesa passou por mudanças, além disso, indagamos a essas duas classes se há diferenças no falar das pessoas.

Nesse contexto, apresenta-se, a seguir, um quadro com as concepções de oito alunos. Como foram duas turmas que responderam ao questionário, optamos por investigar as respostas de quatro alunos do segundo ano e quatro alunos do terceiro ano, pois ao analisarmos as vinte e duas respostas, percebemos que a maioria delas concatenavam suas ideias, eram respostas parecidas que se dirigiam ao mesmo viés, outras em nível mais baixo eram respostas em branco que sabemos também ser importantes para refletirmos, entretanto, buscamos refletir acerca das respostas da maioria e que se dirigiam para o mesmo seguimento levando em consideração o processo de ensino aprendizagem de língua materna. Com isso, segue abaixo o quadro com esses dados:

Quadro 2 – Concepções de alunos do 2º ano - Ensino Médio

	PERGUNTAS	RESPOSTAS		RESPOSTAS
ALUNO 1	Você tem dificuldades para entender o conteúdo de língua portuguesa?	“Realmente tenho muita dificuldade. Porém, não consigo fazer uma boa redação, também não sei usar as pontuações”.	ALUNO 2	“Um pouco, mas tento me esforçar ao máximo para entender e compreender”.
	Você sabe a diferença entre língua e fala?	“A língua é uma forma da gente falar. A fala é uma forma da gente comunicar, é individual”.		“Que a língua é algo coletivo e a fala é algo individual”.
	O que é linguagem na sua opinião?	“É uma forma de se expressar”.		“Na minha opinião, a linguagem é algo muito importante para nossa trajetória”.

ALUNO 3	Você tem dificuldades para entender o conteúdo de língua portuguesa?	“Sim, um pouco, pois estou a mais de 16 anos sem estudar”.	ALUNO 4	“Sim, um pouco, mas, com calma, aprendo a me expressar melhor”.
	Você sabe a diferença entre língua e fala?	“A língua é social, e a fala é a forma de se comunicar entre as pessoas em geral”.		“Não muito, mas quero me dedicar a aprender melhor”.
	O que é linguagem em sua opinião?	“Línguas são vários tipos de idiomas diferentes, de cada lugar e de outros países”;		“?”.

Fonte: Dados coletados pela autora.

Quadro 3 – Concepções de alunos do 3º ano - Ensino Médio

	PERGUNTAS	RESPOSTAS		RESPOSTAS
ALUNO 5	Você tem dificuldades para entender o conteúdo de língua portuguesa?	“Sim. Porque, cada dia, ela se modifica, então é muito difícil”.	ALUNO 6	“Sim. Muita, principalmente em pontuação”.
	Você sabe a diferença entre língua e fala?	“Falar é você falar a palavra certa”.		“A língua é o conteúdo do assunto, a fala é você falar bem o português”.
	O que é linguagem na sua opinião?	“Eu entendo que Português é uma matéria para aprender a falar certo”.		“São todos os idiomas que estudamos”.
ALUNO 7	Você tem dificuldades para entender o conteúdo de língua portuguesa?	“Não, porque é a matéria que eu gosto muito”.	ALUNO 8	“Sim, é um conteúdo muito difícil”.
	Você sabe a diferença entre língua e fala?	“Sim, língua é baseada em palavra, ou seja, em uma comunidade. Já a fala é como nós falamos”.		“Não”.
	O que é linguagem em sua opinião?	“É qualquer meio de comunicação, ideia, sinal ou sentimento”.		“É usar as regras gramaticais”.

Fonte: Dados coletados pela autora.

Considerando os dois quadros acima com as concepções dos oito alunos do Ensino Médio, observamos que, ao responderem à primeira indagação relacionada à compreensão dos conteúdos de língua portuguesa abordados dentro da sala de aula, enfatizam as dificuldades recorrentes em relação à disciplina. Percebemos que estas dificuldades estão relacionadas às mudanças que a língua passa de acordo com o tempo, entretanto, a maioria dos discentes dialoga com estes desafios, associando-os à gramática normativa quando mencionam dificuldades com a escrita textual, principalmente no que tange a ideia de “falar certo”. Mas textualmente, os alunos mencionam a dificuldade com “pontuação”. De forma geral, é bastante perceptível uma visão de língua portuguesa que se confunde com a visão de norma padrão da língua, isso diz muito sobre os objetos de ensino de língua privilegiados pela escola, provavelmente ensina-se de forma predominante a gramática normativa.

Nesse contexto, é necessário ponderar que o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, na concepção deste público, ainda se concentra nas regras da gramática tradicional. Algumas destas dificuldades podem ser decorrentes de lacunas na aprendizagem de conceitos básicos da língua portuguesa em séries anteriores, o que torna mais desafiador compreender tópicos mais avançados da estrutura da língua. Para Duarte (2008), a gramática do português é complexa, com várias regras e exceções, o que pode dificultar a compreensão e a aplicação das normas gramaticais. Todavia, é preciso enfatizar o que Antunes advoga “Língua e gramática podem ser uma solução se não deixarmos que a gramática ofusque o fascínio que a língua pode exercer sobre as pessoas” (Antunes, 2003, p. 161). Diante disso, é importante destacar que língua e gramática são elementos necessários para a comunicação e compreensão da linguagem, mas é fundamental equilibrar seu ensino de forma a não o tornar excessivamente restrito ou desinteressante.

Nas questões posteriores relacionadas aos conceitos de língua, linguagem e fala, notamos que os educandos conseguiram discorrer a respeito das indagações à sua maneira, com suas devidas limitações. Isso se torna essencial para se pensar que o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, levando em consideração suas perspectivas, deve ser abordado de forma dinâmica, sensível e que faça sentido para os estudantes (VIEIRA, 2017). Outro fator que merece destaque é o meio sociocultural em que os alunos estão inseridos, pois ele pode afetar significativamente a forma como os educandos se relacionam com a língua, desenvolvem suas habilidades linguísticas e se motivam para serem mais proficientes no uso de seu idioma. Dessa forma, as respostas dos alunos também sugerem o predomínio de uma visão estruturalista da linguagem, a partir da concepção de linguagem

como instrumento de comunicação, o que se evidencia em termos como “comunicar”, “meio de comunicação”. Junto com essa visão, também emergiu a concepção de linguagem como expressão de pensamento, esta decorrente dos estudos linguísticos baseados na gramática tradicional. Isso também diz muito sobre o ensino de língua portuguesa praticado nas escolas e sobre as concepções de linguagem e língua que ainda permeiam a sociedade em geral.

Foi possível observar que alguns alunos responderam a estes conceitos sinalizando mais uma vez a gramática tradicional como ponto-chave, o que nos leva a refletir que, ainda hoje, mesmo com muitos avanços em relação ao ensino de língua materna, a abordagem tradicional ainda é vista pelas lentes dos discentes como o principal meio para a aprendizagem do português. Não queremos negligenciar, ou descartar, o ensino da gramática, mas que, como já foi mencionado nas discussões anteriores, ao ensinar as regras gramaticais, seja fundamental contextualizá-las em situações reais de uso da língua. Esta perspectiva ajuda os alunos a entenderem como as estruturas gramaticais são aplicadas em diferentes contextos comunicativos, bem como sua relevância nas atividades cotidianas que necessitem de conhecimentos linguísticos diversos.

Diante disso, concordamos com Geraldi (2003), quando ele afirma: “No ensino de língua, nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentença” (Geraldi, 2003, p. 35).

Considerações Finais

O processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa no Ensino Médio é uma jornada de desenvolvimento intelectual e pessoal que contribui para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Ao promover uma educação linguística sólida e contextualizada, valorizando a diversidade e a criatividade, estamos contribuindo para o crescimento e a transformação da sociedade como um todo.

Com esta pesquisa, tendo como principal objetivo investigar as concepções de discentes e docentes acerca do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, especificamente em relação à língua, linguagem e fala, realizamos discussões necessárias para refletirmos sobre o ensino de língua materna e, por meio das concepções de alunos e professores, pensarmos pedagogicamente em novos caminhos para um ensino de língua

portuguesa, relacionando-a a situações linguísticas reais, dando significância e dinamicidade à educação linguística tanto para os educandos, quanto para os educadores.

Destacamos que o desenvolvimento deste trabalho possibilitou reflexões de cunho teórico e metodológico, contribuindo para a reflexão do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa. A pesquisa metodológica de cunho qualitativo foi primordial neste processo, pois investigou como o ensino de língua materna, atualmente, está sendo trabalhado dentro da sala de aula no lócus da pesquisa. Para isso, não buscamos averiguar somente um “lado da moeda”, pois acreditamos ser necessário observar e analisar os dois públicos para, assim, chegar não a uma conclusão exata, visto que é necessário que este trabalho seja continuado em outras oportunidades, mas para se entender as concepções destes dois públicos em relação ao tema discutido.

Por meio do questionário aplicado às professoras, ficou perceptível que elas fazem referência ao ensino de língua portuguesa em uma abordagem pedagógica, levando em consideração o contexto dos alunos. Além disso, o trabalho com a linguagem é tido como uma ferramenta de comunicação e expressão do ser humano, e seu ensino visa desenvolver habilidades linguísticas. Ademais, durante as suas aulas, de acordo com suas respostas aos questionamentos, são embasados os conceitos em relação à língua, linguagem e fala, já que é necessário para tornar a aprendizagem mais abrangente.

As três perguntas escolhidas em relação ao questionário aplicado aos alunos buscaram investigar se, por meio de suas respostas, há convergências e/ou divergências em relação ao que as professoras discorrem em suas percepções. Diante disso, percebemos, primeiramente, que os alunos ainda voltam o seu olhar para o ensino de língua portuguesa pautado na gramática tradicional, entretanto, compreendem que a língua é diacrônica e que ela muda de acordo com o tempo, o que dificulta ainda mais sua aprendizagem.

Os conceitos acerca de língua, linguagem e fala foram respondidos à sua maneira, de acordo com a compreensão de cada sujeito e suas percepções em relação ao processo de ensino aprendizagem, na qual, podem ser influenciadas por diversos fatores, como experiências anteriores, métodos de ensino, contexto socioeconômico e cultural, logo, foi possível observar que o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, seguindo esta linha de raciocínio, precisa oferecer subsídios para um ensino que respeite e valorize a diversidade linguística.

Nesse sentido, ao analisarmos estas concepções, percebemos que tanto os alunos, quanto as professoras reconhecem a importância de conectar o ensino da língua a situações

reais de uso, tornando-o mais significativo e aplicável. Além disso, ambos reconhecem que a língua passa por mudanças ao longo do tempo e, para tornar seu ensino mais compreensível, é necessária uma abordagem ampla e dinâmica, entendendo que a linguagem é uma ferramenta de expressão pessoal e coletiva, vista como um meio de manifestar ideias, sentimentos e pensamentos de maneira articulada.

Percebe-se, ainda, que as respostas de alguns alunos apontam para uma concepção de linguagem similar à das professoras: linguagem como instrumento de comunicação. Contudo, é relevante destacar que nas respostas dos estudantes, também emergiu a concepção de linguagem como expressão do pensamento, ligada à corrente da gramática tradicional, pois alguns deles veem a gramática como uma parte essencial do ensino da língua portuguesa, enquanto outros a enxergam como uma barreira à comunicação e criatividade. Por isso, é necessário que os educadores estejam cientes destas divergências e busquem compreender as expectativas e necessidades dos alunos para orientá-los e, por conseguinte, redimensionar as suas concepções de língua(linguagem), com vistas a qualificação do ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Pelo exposto, a pesquisa revelou que a compreensão das concepções de língua, linguagem e fala, por parte dos alunos, é essencial para identificar seus pontos fortes e os desafios na aprendizagem da língua portuguesa. Esta percepção possibilita que os educadores adaptem suas abordagens pedagógicas de acordo com as necessidades específicas dos educandos, promovendo uma aprendizagem mais significativa e engajadora.

Em última análise, este estudo destaca a necessidade de uma colaboração contínua entre docentes e discentes para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa. Ao reconhecer e valorizar as diferentes perspectivas sobre língua, linguagem e fala, é possível criar um ambiente educacional mais enriquecedor, em que os alunos se tornam comunicadores eficazes, críticos ativos e participantes atentos na construção do conhecimento linguístico e cultural. A busca pela excelência no ensino da língua é uma jornada conjunta, através da qual alunos e professores crescem e evoluem juntos, fortalecendo sua importância como uma ferramenta vital na expressão e compreensão humana

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo.: Loyola, 1999.
- DUARTE, Denise Aparecida. **O ensino de Língua Portuguesa: perspectivas e contradições**. 2008. Programa de Desenvolvimento Educacional- Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/137-4.pdf>. Acesso em 8 ago. 2023.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo. Cultrix, 2012 (1916).
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia da Pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2016.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação- Uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 2000.
- SOARES, Magda. **Português na escola: história de uma disciplina curricular**. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- VIEIRA, Vanessa Diniz. **O ensino de Língua Portuguesa na escola pública: Possibilidades, limites e implicações para que aconteça a aprendizagem**. Garantã do Norte- MT, 2017. Monografia apresentada ao curso de Letras da Faculdade de Ciências Sociais de Guaraná do Norte. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/sophiauta/Letras/TCC+on-line/TCC+Vanessa.pdf>. Acesso em 8 de ago. 2023.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Teaching-learning Portuguese language in High School:
Conceptions of students and teachers about language, language and speech

Abstract: This work aims to investigate the conceptions of students and teachers regarding the teaching-learning process of the Portuguese language in high school, specifically in relation to the concepts of the communication triad (language, language and speech). The research adopted a qualitative approach, with data collection through the application of a questionnaire to students and teachers at a public school in the city of Capanema - PA. As for the theoretical foundation, we rely on studies by Saussure (1916), Bagno (1999), Travaglia (2000), Soares (2002), Antunes (2003, 2008), Geraldi (2005, 2008), among others, as their research they address linguistic theories that range from structuralist and textual analysis to linguistic interactions in socio-educational contexts. The research results reveal that perceptions about language, language and speech vary when there is a more structuralist and normative perspective in the students' responses, and a more sociolinguistic and communicative approach in

the teachers' conception. We conclude, therefore, that the divergences and convergences observed in the perspectives of research participants may have social, cultural and educational influences.

Keywords: Teaching-learning; Portuguese language; Communication triad.

Recebido em: 23 de outubro

Aprovado em: 29 de novembro